

Falar de Luisa Piccarreta seria uma empresa difícil, se necessitaria levar a cabo um trabalho de investigação nos lugares onde ela viveu, recolher testemunhos daquelas pessoas que a conheceram e que ainda vivem na atualidade, recorrer aos dados conservados das autoridades eclesiásticas e dos teólogos que a examinaram a ela e aos seus escritos, falar dos fenómenos extraordinários que lhe foram concedidos tanto em vida como depois da sua morte, enfim, um verdadeiro trabalho detetivesco, e acredito firmemente que isto seria ficar na superfície do que realmente interessa. A Luisa Piccarreta não se pode conhecer com estes dados, o que poderíamos conhecer de seu interior, de seus dons, de sua entrega, de seus sofrimentos, de suas alegrias, de seus anseios, do que Jesus operava em seu interior, etc.? Nada...!! Pois somente teríamos o que as pessoas que a cercavam conseguiam ver, ou seja, as aparências, não a enorme realidade que Deus fincava em seu interior e que devia levar um bem tão grande a toda a família humana. Para conhecer isto, precisamos recorrer à vida de "A Pequena Filha da Divina Vontade", não à vida de Luisa (embora sejam a mesma pessoa). Mas quem pode falar disso senão Jesus? E onde encontraremos todo o material necessário para conhecê-la? A resposta é contundente: "Nos mesmos escritos de Nosso Senhor e de Luisa." Em alguma ocasião Jesus diz a Luisa que tudo o que Ela escreve é o desabafo de tudo o que Ele opera em seu interior; ou seja, que os escritos são a verdadeira biografia de Luisa. Ouçamos outro pouco do que Jesus lhe diz a este respeito no dia 20 de novembro de 1929: "Agora, também para ti devia ter a ordem, e se bem que nossa primeira finalidade era fazer-te conhecer nossa Vontade Divina a fim de que reinasse em ti como Rei em sua própria habitação real, e dando-te suas lições divinas pudesses ser porta-voz para fazê-la conhecer aos demais, mas era necessário, como na Criação, preparar o céu em tua alma, adorná-lo de estrelas com os tantos conhecimentos das belas virtudes que te manifestei, Eu devia descer no baixo da tua vontade humana para esvaziá-la, purificá-la, embelezar e reordená-la em tudo. Pode-se dizer que eram tantas espécies de criações que fazia em você, devia fazer desaparecer a antiga terra desordenada de sua vontade humana para voltar a chamar a ordem do Fiat Divino no fundo de seu interior, que fazendo desaparecer a terra antiga desordenada de sua vontade humana para voltar a chamar a ordem do Fiat Divino no fundo de seu interior, que fazendo desaparecer a terra antiga de todo seu ser, fizesse ressurgir com sua força criadora, céus, sóis, mares de verdades surpreendentes. E tu sabes como tudo isto foi amadurecido com a cruz, com o segregá-la de tudo, fazendo-te viver na terra como se para ti não fosse terra, mas Céu, tendo-te sempre absorvida, ou comigo, ou no Sol do meu Fiat Divino. Assim, tudo o que fiz em ti não foi outra coisa que ordem que se necessitava para te dar o grande dom da minha Vontade Divina, como lhe foi dado ao primeiro homem no princípio da sua criação, e por isso houve tantos preparativos, porque deviam servir àquele homem que devia possuir o grande dom de nossa Vontade como sua predileta herança; símbolo este dos grandes preparativos feitos em tua alma." Então, a melhor forma de conhecer a Luisa é interiorizar-se nos escritos. Além disso, por que escrever uma biografia quando ela mesma, por obediência a escreve? No máximo, seria completar com pequenos dados o que falta, pois esta é redigida no ano de 1926. Apresentamos a seguir as memórias da infância escritas por ela por obediência a seu diretor espiritual e censor de seus escritos, o Beato Annibale M. Di Francia

+ + + +

"Memórias da Infância"

Luisa Piccarreta

Julho 15, 1926

Meu Jesus, meu amor, Minha Mãe Celestial e Soberana Rainha, vinde em minha ajuda, tomai entre vossas mãos meu pobre coração, não veem como me sangra pelo duro combate por dever começar a narrar minha pobre existência de minha infância? A qualquer custo gostaria de fugir deste doloroso e duro sacrifício, e tanto mais duro porque é inesperado, mas uma nova obediência sai em campo para martirizar minha pobre e insignificante existência. Jesus, Mãe, vinde em minha ajuda, de outra maneira sinto que minha vontade gostaria de sair em campo novamente para ter vida e poder dizer um "não" rotundo a quem me ordena. ¡ Ah Jesus! talvez Você permita que eu tenha o que fazer com meu querer depois de tanto tempo que Você, com tanto zelo o tem atado a seus pés como dom e triunfo da sua filha? Me impuseram a rogar para saber de Ti se devo ou não fazê-la, e Você em vez de estar comigo me disse: "Isto servirá para fazer conhecer a terra que devia iluminar o Sol de minha Vontade para formar seu reino." Ah Jesus, que me importa a mim fazer conhecer minha pequena terra! E a Ti deve importar que se conheça seu Querer, não é verdade oh Jesus? Mas Jesus fez silêncio e desapareceu, e eu pronuncio com toda a intensa amargura da alma "Fiat, Fiat, e começo".

Agora, para principiar digo o que minha família me disse: Nasci em 23 de abril de 1865, no domingo em Albis, de manhã. Na mesma tarde fui batizado. Minha mãe dizia que eu nasci ao contrário (nasceu em apresentação sentada), mas ela não sofreu nada no parto, tanto que eu, nas ocasiões e circunstâncias de minha pobre vida, tenho costume dizer: Nasci ao contrário, é justo que minha vida seja ao contrário da vida das outras criaturas. Recordo que da idade de três ou quatro anos até cerca de dez, era de temperamento temeroso, e era tanto o temor que não sabia estar só, nem dar um passo por mim só; isto era porque desde a idade de três anos, na noite tinha quase sempre sonhos de terror; sonhava com o demônio, que me causava tal espanto de me fazer tremer; muitas vezes o sonhava que me queria levar consigo e me atraía fortemente, e eu fazia todos os esforços para fugir; no mesmo sonho suave frio, me escondia, fugia aos braços de minha mãe; por isso no dia ficava a impressão dos sonhos e tal temor, como se de todas as partes o demônio quisesse sair. Agora creio que isto me fez bem, porque desde aquela tenra idade eu recitava muitas Aves Marias e Pais Nossos a todos os santos dos quais eu conhecia o nome, para obter a graça de não sonhar ao demônio; e se me era nomeado outro santo ao qual eu não conhecia, súbito acrescentava um Pai Nosso se era santo masculino, ou um Ave Maria se era mulher, porque Dizia que se não os honrasse a todos, me fariam sonhar com o demônio. Lembro-me que as sete Aves Marias à Mãe Dolorosa, as recitava sempre desde aquela idade, assim que tinha uma longa cadeia de Pais Nossos e Aves Maria, e por isso enquanto as outras meninas e minhas irmãzinhas brincavam, eu ficava um pouco distante delas, ou junto com elas porque tinha medo, mas não tomava parte em seus jogos inocentes para recitar minhas longas Aves Marias e Pais Nossos. Recordo também que uma vez sonhei com a Virgem que me afastava do demônio, e uma vez me disse: "Minha filha, chora, porque meu Filho morreu." Eu fiquei abalada tinha pena dela, mas isto deixava-me infeliz. Depois, quando cheguei a idade 5 mais capaz, na qual podia fazer a meditação, ler, não podia afastar-me pelo temor, e por isso não podia fazer o que queria. Agora, tendo-me feito

filha de Maria aos onze anos, um dia enquanto queria rezar e meditar, o temor me surpreendeu, e estava por fugir no meio da família, mas senti uma força em meu interior que me detinha e ouvi no fundo de minha alma uma voz que me dizia: "Por que temes? Seu anjo está junto ao teu lado, está Jesus no teu coração, está a Mãe Celestial, ou o inimigo infernal? Por isso não fujas, senão fica e reza, e não tenhas medo." Ouvir isto dentro de mim me deu tanta força, ânimo e firmeza, que o temor se afastou, e cada vez que me sentia surpreendido pelo temor ouvia a mesma voz em meu íntimo que me repetia o mesmo, e eu me sentia levar como da mão por meu anjo, pela Soberana Rainha e pelo doce Jesus; sentia-me triunfante entre eles, de modo que adquiri tal coragem que se afastou todo o temor; muito mais que os sonhos pavorosos cessaram de todo. Assim, depois disto pude ficar sozinha, caminhar sozinha, ir sozinha ao jardim quando estávamos na granja, enquanto que antes se fosse, só com que visse que se movia um galho de uma árvore fugia, porque pensava que o demônio estava lá em cima. Recordo que um dia, recordando o medo de minha pequena idade, os tantos sonhos do inimigo que tornavam infeliz minha infância, dizia a Jesus: "Em que aproveitou meu amor o ter passado minha idade infantil com tanto medo, com tantos sonhos maus, que me faziam tremer, suar e amargar uma idade tão tenra? Eu não entendia nada nem creio que o inimigo tivesse nenhum fim, estando em uma idade tão pequena. E Jesus me disse: "Minha filha, o inimigo entrevia alguma coisa sobre ti, que me podias servir para alguma coisa para minha grande glória e que ele devia receber uma grande derrota, jamais recebeu, muito mais que via que, por quanto se esforçava, não podia fazer penetrar em ti nenhum afeto ou pensamento menos puro, porque Eu lhe tinha fechado as portas, e ele não sabia por onde entrar; vendo isto se enfurecia e buscava te lançar por terra, não podendo de outra maneira que com sonhos pavorosos e de espanto. Muito mais do que não sabendo a causa de meus grandes desígnios sobre ti, que deviam servir à destruição de seu reino, punha-se atento para indagar a causa, com a esperança de poder te prejudicar em todos os modos." Nosso Senhor foi tão bom comigo, dando-me pais bons, que estavam atentos a não nos fazer ouvir nem sequer uma palavra de blasfêmia ou menos honesta. Me amavam, mas com amor digno e sério. Lembro-me que nunca o meu pai, quando era criança, me tomou nos braços, nem de lhe ter dado nem recebido beijos; nem sequer a minha mãe me lembro de a ter beijado, e quando fui grande e me deitei na cama, a mãe, devendo ir à granja e estar ausente por longos meses, ao despedir-se de mim fazia a tentativa de querer me beijar, e eu, vendo isto, antes que o fizesse beijava-lhe a mão, e ela se abstinha de fazer aquele desabafo materno. O pai e a mãe eram anjos de pureza e de modéstia. Foram magnânimos com seus subordinados; a fraude, o engano, não tinham lugar em nossa casa. Era tanta a custódia que jamais nos confiaram a pessoas estranhas, senão sempre com eles. Eu agradeço que o bendito Jesus tenha permitido tanta virtude, e que os tenha premiado dando-lhes por morada a Pátria Celestial. Recordo também que eu era de temperamento tímido, e se vinham parentes ou outros a visitar-nos, eu fugia à parte de cima da casa para que não me encontrassem, ou então me escondia atrás de uma cama e rezava, e só saía quando me chamavam e me diziam que se tinham ido; quando minha mãe ia visitar os parentes e queria me levar com ela, chorava porque não queria ir, e eu e outra irmã minha, quase do mesmo temperamento, nos contentávamos de ficar sozinhas, trancadas com chave antes de sair. Esta vergonha não me deixava tomar parte em nada, nem em festas, nem em diversões, até inocentes, que se acostumam nas famílias; era eu a sacrificada da vergonha, e se os meus me obrigavam, me sentia posto em cruz porque a vergonha me tornava estranhas todas as coisas. Agora, recordando tudo isto, que de algum

modo me fez infeliz a minha infância, o doce Jesus me disse: "Minha filha, também a vergonha com que te circudei em tua tenra idade, foi uma das mostras maiores de zelo de amor por ti, não queria que em ti entrasse nenhum, nem o mundo, nem as pessoas, queria te tornar estranha a todos, em nada queria que você tomasse parte e que tomasse prazer nela, porque tendo estabelecido desde então que devia formar em ti o reino do Fiat Supremo, e devendo tu tomar parte em suas festas e na alegria que nele há, era justo que nenhuma outra festa gozasses, e que dos prazeres e diversões que há sobre a terra devias ficar em jejum. Não estás contente?" Mas apesar de ser vergonhosa e medrosa, era de temperamento vivaz, alegre; saltava, corria e fazia também travessuras. Agora, depois, perto da idade de doze anos, começou outro período da minha vida: Comecei a ouvir a voz interior de Jesus, especialmente na Comunhão. A primeira fiz aos nove anos e no mesmo dia recebi o sacramento da Confirmação. Depois, não raramente se fazia ouvir em meu íntimo quando fazia a Santa Comunhão; às vezes, depois dela permanecia as horas ajoelhada, quase sem movimento e ouvia a voz interna que dizia, e agora me reprovava se não tinha sido boa, atenta, e se no decorrer do dia alguma vez tinha estado distraída, oh! Como me repreendia e terminava dizendo-me: "Com tudo isto me diz que me ama muito, e onde está este teu muito?" Eu me sentia morrendo ao me ouvir dizer isso e prometia ser mais atenta, e Jesus acrescentava. "Verei, verei se é verdade; as palavras não me bastam, quero os fatos." A Comunhão tornou-se a minha paixão predominante, nela concentrei todos os meus afetos. Estava certa de ouvir Nosso Senhor falar e, quanto me custava estar privada d'Ele! porque era obrigada pela família a ir com ela à granja, e devia estar longos meses sem missa e sem Comunhão. Quantas vezes rompia em pranto ao ver árvores, flores, a criação toda, e dizia entre mim: "As obras de Jesus estão ao meu redor, só Jesus não está comigo. ¡Ah, fale-me você, sol; você, céu, você, água cristalina que desliza em nosso laguinho, abram-me de Jesus, são obras de suas mãos, dêem-me notícia dele...! E parecia-me que todas me falavam dele; cada coisa criada falava-me de cada uma das qualidades de Jesus, e eu, chorando porque não podia receber Aquele que todas as coisas amavam, e que sabiam narrar tão bem da beleza, do amor, da bondade de Jesus, Chorava e chegava até ficar doente. Também na meditação ouvia a voz de Jesus, mas alguma vez me faltava; ao contrário, na Comunhão, nunca. E algumas vezes meditando ficava as duas ou três horas sem poder me separar, conforme lia o ponto e me detinha, assim ouvia em meu íntimo a voz de Jesus, que pondo-se em atitude de mestre me explicava a meditação. Desde então me dava em meu íntimo o amável Jesus lições sobre a cruz, sobre a mansidão, sobre sua Vida oculta. A propósito de sua Vida oculta, lembro que me dizia: "Minha filha, a tua vida deve ser no meio de nós na casa de Nazaré, se trabalhas, se rezas, se tomas alimento, se caminhas, debes ter uma mão em Mim, a outra em nossa Mãe, e o olhar em São José, para ver se os teus actos correspondem aos nossos, de modo a poder dizer: Primeiro faço o meu modelo sobre o que faz Jesus, a Mãe Celestial e São José, e depois o sigo. ' De acordo com o modelo que você fez, Eu quero ser repetido por você em minha Vida escondida, Eu quero encontrar em você a obra de minha Mãe, a de meu amado São José, e minhas próprias obras." Eu ficava confusa e dizia: "Meu amado Jesus, eu não sei fazer." E Ele: "Minha filha, coragem, não te abatas, se não sabes fazer, pede-me que Eu te ensine, e Eu súbito te ensinarei, te direi o modo como fazíamos, minhas intenções, o amor contínuo dos três, que Eu como mar e eles como rios estávamos sempre inchados, de modo que um transbordava no outro, tanto que pouco tempo tínhamos de nos falar, tanto estávamos absorvidos no amor. Vês quanto estás atrás? Muito tem que fazer para alcançar-nos, convém-te muito silêncio e atenção, e Eu não te quero

atrás, mas em meio a Nós." Então, quando eu não sabia, eu perguntava a Jesus, e Ele me ensinava por dentro. Procurava quase sempre, quanto mais podia, afastar-me da família para estar sozinha; para manter o silêncio tomava meu trabalho e pedia à mãe que me permitisse ir à parte de cima e ela me concedia; assim que minha mente estava na casa de Nazaré, e agora via um, agora a outro, e me confundia ao vê-los tão atentos em seus humildes labores, tão absorvidos nas chamas de amor que se levantavam tão alto, que seus trabalhos ficavam incendiados e transformados em amor; e eu, maravilhada pensava entre mim: "Eles amam tanto, e qual é o meu amor? Posso dizer que meus trabalhos, minhas orações, o alimento que tomo, os passos que faço, são chamas que se elevam ao trono de Deus, e formando rios transbordam no mar de Jesus?" E, vendo que não o era, sentia-me aflita, e Jesus, no meu íntimo, dizia-me: "Que tens? Não te aflijas, pouco a pouco chegarás, Eu estarei sobre ti, tu me segue e não temas." Se eu quisesse dizer tudo o que aconteceu em meu interior na infância, me estenderia muito, muito mais que no primeiro volume escrito por mim sem precisar a época, antes ou depois, quando fui menor ou maior, está dada uma explicação do trabalho da Graça no fundo de minha alma, porque assim me foi dito, que não importava nada o que não pusesse a ordem da idade, nem o que tinha sido primeiro nem o que tinha sido depois, desde que dissesse o que em mim tinha passado, muito mais que depois de tantos anos me era difícil ter a ordem do que tinha passado dentro de mim. E agora, para não repetir, vou em frente. Lembro-me que quando era miúda, tinha uma mania por querer fazer-me religiosa, e como ia à escola de freiras, eu sentia um afeto um pouco estimulado por elas, mas as amava bem porque queria ser como uma delas; mas em meu interior ouvia-me reprovar por este afeto, e enquanto prometia não amar a outro que a Jesus, recaía novamente, e Jesus voltava a me dar amargos reprovações. Este é o único afeto que recordo que senti em minha vida de modo especial, porque depois não senti mais amor por nenhum. Que tirania é um afeto natural e talvez até inocente para o pobre coração humano. Recordo-o com terror, as reprovações internas punham-me em cruz, parecia-me que o meu afeto tinha em cruz Jesus, e Jesus por correspondência punha-me na cruz, e por isso não gozava a verdadeira paz, porque é a natureza do amor humano guerrear um pobre coração. Ter paz e amar a pessoas com modo especial, não existe no mundo, e se existe significa não ter consciência, ainda que fosse com um fim santo ou indiferente. Mas o bendito Jesus o fez terminar súbito, e eis como: Uma manhã pedi à mãe que me mandasse visitar a superiora, e o obtive com trabalho e sacrifício. Enquanto fui, pedi que me deixassem ver a superiora, e depois me foi respondido que estava ocupada e não podia sair; eu fiquei como ferida ao ouvir isto; fui à igreja e desabafei minha pena com Jesus, e Ele tomou ocasião disto para fazê-la terminar. Falou-me do seu Amor e da inconstância do amor das criaturas, e como queria que absolutamente Quando um coração não está vazio, Eu o rejeito, Eu não posso começar o trabalho que eu projetei fazer no fundo da alma." Mas quem pode dizer tudo o que me disse em meu interior? Recordo que a terminei, e meu coração ficou impávido, sem saber amar mais a ninguém. Depois pedia sempre a Jesus que me fizesse tornar-me religiosa, e freqüentemente perguntava-lhe quando o ouvia em meu íntimo, se devia chegar a cumprimento minha vocação religiosa, e Jesus me assegurava dizendo: "Sim, te contentarei, verás que serás monja." Eu ficava toda contente ao ouvir que me assegurava Jesus e procurava dispor a família para obter o consenso, que era contrário, especialmente a mãe, chegava a chorar e me dizia que me teria contentado se tivesse querido fazer-me freira de clausura, mas das monjas ativas não me permitiria jamais.

11 Eu, para dizer a verdade, queria tornar-me freira ativa, porque aquelas que conhecia

havam sido minhas professoras, mas sobreveio a minha longa enfermidade e pôs fim à minha vocação, e muitas vezes me lamentava com Jesus e lhe dizia: "Com tudo isso me dizias mentiras, zombavas-me prometendo que devia chegar a fazer-me freira." E Jesus muitas vezes me assegurou que me dizia a verdade, dizendo-me: "Eu não sei enganar, nem fazer troça, a chamada que Eu te fazia era mais especial, quem jamais com tornar-se freira, mesmo nas religiões mais rigorosas não pode caminhar, não pode tomar ar, não pode gozar nada? E quantas vezes nas religiões fazem entrar o pequeno mundo e se divertem magnificamente, e Eu fico como a um lado? Ah minha filha, quando Eu chamo um estado, Eu sei como realizar minha chamada, o lugar para Mim é indiferente, o habito religioso para Mim diz nada, quando na substância da alma está o que deveria ser se tivesse entrado em religião, e por isso te digo que é e será a verdadeira pequena monja de meu coração.

+ + +